



Identidade entre leitores de *Caros Amigos*

Solange Mittmann

Resumo: Este artigo trata da questão da identidade através da análise de cartas dos leitores da revista Caros Amigos. Procuro descrever como ocorre a busca da afirmação de uma identidade unificada, marcada pela oposição ao outro. Tomando por base teórica a Escola Francesa de Análise do Discurso, relaciono a identidade à identificação com uma Formação Discursiva heterogênea, considerando o domínio do Interdiscurso sobre esta.

Palavras-chave: Jornalismo – Leitor – Identidade

Abstract: This article is concerned with the question of the identity by the analysis of the letters to the Editor of “Caros Amigos” magazine. I intend to describe how the search of affirmation of a unified identity, marked by the opposition with other identities, occurs. Based on the French Scholl “Analyse du discours” theory, I associate the identity to the identification of a heterogeneous discursive formation, considering the domain of the interdiscourse on this.

Key words: Journalism – Reader – Identity

Resumen: A través del análisis de las cartas de los lectores de la revista Caros Amigos, este artículo presenta la cuestión de la identidad. Busco describir como ocurre la búsqueda de la afirmación de una identidad unificada, marcada por la oposición al otro. Tomo por base teórica de este análisis la Escuela Francesa de Análisis de Discurso, a través de la cual relaciono la identidad a la identificación con una Formación Discursiva heterogénea y con-sidero el dominio del Interdiscurso sobre esta.

Palabras clave: Periodismo – Lector – Identidad

Solange Mittmann é professora adjunto da Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG, com seu doutorado realizado na área de Teorias do Texto e do Discurso na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. *E-mail:* solnena@hotmail.com

Introdução

Pretendo traçar aqui a forma como vem se construindo o que chamo de “a identidade dos caros amigos”, isto é, uma espécie de identificação por parte de autores e leitores da revista *Caros Amigos* com uma “mesma” proposta.

Mas antes falo um pouquinho sobre a própria re-vista. *Caros Amigos* surgiu em abril de 1997, como uma forma de contraposição ao discurso de consenso da imprensa brasileira. Da mesma forma que surgiram as revistas *Atenção*, *Reportagem*, *CADERNOS do Terceiro Mundo*, *Bundas*, *Palavra* e outras. Poucas revistas com esta proposta conseguem sobreviver por muito tempo. Mas *Caros Amigos* tem sobrevivido relativamente bem, já que apresentou em abril de 2004 uma tiragem de 50.000 exemplares. Trata-se de um número bastante expressivo considerando que a revista não pertence a nenhum grande grupo econômico da área de mídia, nem conta com seu apoio, até porque sua proposta é justamente a de contestar a submissão do jornalismo ao mercado.

Neste tipo de revista, da mesma forma que acontece com alguns jornais e programas de rádio que têm a mesma proposta, ocorre uma identificação particular entre autores e leitores que demonstram uma cumplicidade na formação de um mesmo grupo, com uma forma de pensamento particular, com uma identidade.

Neste texto, procuro, então, trabalhar sobre a noção de identidade e mostrar como se manifesta no discurso a identidade deste grupo em particular. Para isso, faço um percurso resgatando algumas reflexões sobre esta noção, passando por Aristóteles, dando um salto até a concepção pós-moderna e chegando ao meu campo teórico, que é a Análise do Discurso – Escola Francesa.

A noção de identidade em Aristóteles

Aristóteles (1978, p. 10)¹ apresenta três sentidos para identidade: um sentido numérico, um sentido específico e um sentido genérico.

O sentido numérico ocorre quando há mais de um nome para uma mesma coisa. E na tradução brasileira, o exemplo de Aristóteles é citado através das palavras *manto* e *capa*. Aqui identidade significa *o mesmo*, o que, por sua vez, pode significar aquilo que é numericamente uno, que tem uma relação com sua definição e ao qual é atribuída uma propriedade.

¹ARISTÓTELES. Tópicos. In: ARISTÓTELES. *Tópicos; Dos argumentos sofisticos*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha, traduções de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. A. Pickard. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Os pensadores.

Já o sentido específico é mobilizado quando dois elementos pertencem à mesma espécie, ou seja, não apresentam diferenças no tocante à sua espécie. É a relação, por exemplo, entre um e outro cavalo.

Por fim, o sentido genérico é aplicado quando chamam-se genericamente idênticos aqueles elementos que pertencem ao mesmo gênero, como um cavalo e um homem, ambos animais.

Identidade, portanto, pode significar a essência do um (isto é, da unidade), ou a essência do grupo de idênticos, ou ainda a essência que é comum a elementos diferentes. Em Aristóteles, portanto, a noção de identidade está em relação com idêntico, isto é, uma relação de igualdade ou de semelhança do elemento com sua definição, ou com outros elementos da mesma classe ou de classes diferentes.

Identidade, idêntico, identificação. Todas estas palavras têm como origem, *idem*, do latim, que significa *o mesmo*, ou *identicus*, *semelhante*.

As três definições de identidade nos auxiliam no apontamento de maneiras de ver a identidade desses *caros amigos*, que são os editores, editorialistas, colunistas, jornalistas, entrevistados, leitores e outros que se manifestam nas páginas da revista.

Com o sentido numérico, podemos pensar que formam uma unidade, com uma essência e uma relação direta entre sujeito e predicado, entre a expressão *caros amigos* e o que ela significa, seja em termos de definição, propriedade ou situação momentânea.

Através do sentido específico, podemos pensar em um grupo fechado, com características semelhantes, ou seja, onde a semelhança é ressaltada, e a diferença quase que desaparece.

Já com o sentido genérico – e esse me parece o mais interessante e apropriado – seria possível pensar os *caros amigos* com alguma forma de identificação, de semelhança que percorre, como um fio, elementos diferentes. E assim é possível considerar que entre os *caros amigos*, há filiados ou simpatizantes do PT, do PDT, do PCdoB, de outros partidos, ou de nenhum partido, há feministas, há os que lutam contra o racismo, contra o anti-semitismo, assim como há os que não estão nem aí para estas lutas particulares. Mas há um fio comum, de identificação, que une todo o grupo numa forma de identidade em sentido genérico: a imagem da revista como um espaço de veiculação das lutas sociais e de um outro discurso que não é o discurso único da grande imprensa, do grande capital, do governo federal, etc.

A definição de identidade com base na noção de sujeito

Stuart Hall,² em *A identidade cultural na pós-modernidade*, descreve três concepções de identidade, apresentando um percurso cronológico.

A primeira é a identidade do sujeito do iluminismo, uma concepção “individualista” de identidade e de sujeito, pois estava baseada sobre a concepção de

um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. (HALL, 2000, p.10-11)

A segunda é a concepção de identidade do sujeito sociológico. Menos “individualista” e mais “interativa”, esta concepção partia da relação do sujeito com o outro, refletindo

a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava. [...] O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o seu “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 2000, p.11)

Nesta segunda concepção, há uma interação entre o *eu* e o mundo, com uma projeção do mundo pessoal no mundo público, ao mesmo tempo em que os significados e valores do mundo são internalizados no *eu*. Nesta concepção, a identidade harmoniza o sujeito e o mundo, tornando os sujeitos mais estáveis e previsíveis.

A terceira concepção é a de uma identidade fragmentada, posto que o sujeito é se constitui não em uma única, mas em várias identidades, até mesmo contraditórias:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades

²HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

contraditórias empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2000, p.13)

Essa variedade de identificações leva a uma identidade-de que se transforma continuamente, é a forma da identidade do sujeito pós-moderno: menos estável e mais variável e complexa. Ao mesmo tempo, o sujeito pós-moderno se vê identificado com uma identidade ilusoriamente coerente.

As três concepções de identidade estão baseadas, portanto, em três formas de pensar o sujeito: primeiro, o sujeito centrado e contínuo; depois, o sujeito totalmente dominado pela ideologia, e, finalmente, um sujeito descentrado, imprevisível, constituído pela heterogeneidade.

Como pensar, então a identidade dos *caros amigos* a partir dessas concepções?

Pela primeira concepção, poderíamos pensar, por um lado, que cada sujeito que participa da revista é um indivíduo centrado em si mesmo, consciente e dono de seu dizer. Por outro lado, podemos pensar também o grupo de uma forma individualizada, formando uma unidade fechada em si mesma. Esta concepção pode ser relacionada ao sentido numérico proposto por Aristóteles, o que nos levaria a dizer que os *caros amigos* são o que são, ou seja, podem ser definidos e caracterizados, numa forma de identidade estável, sem contradições.

Esta concepção não estaria muito longe da segunda, que é baseada no sujeito totalmente dominado pelo meio, que nos levaria a um dizer homogêneo de um grupo, como no sentido específico de Aristóteles, em que o elemento é definido pela semelhança com seus semelhantes. Por esta concepção descrita por Stuart Hall, teríamos sujeitos totalmente dominados por uma mesma forma de pensar. Ou seja, os *caros amigos* são esses e pensam dessa forma.

Mas, mais uma vez, afirmo que muito mais interessante e produtivo é pensar a heterogeneidade constitutiva dos *caros amigos* e de seu discurso. Temos sujeitos diferentes, mas ligados pelo sentido genérico observado por Aristóteles. São sujeitos identificados com outros discursos do interdiscurso, ligados por uma forma de identidade instável e constitutivamente heterogênea, que se manifesta através da heterogeneidade dos discursos.

Identidade e discurso

Pensando a relação entre identidade e discurso, recorro a

³ PÊCHEUX, Michel. L'étrange miroir de l'analyse de discours. In: COURTINE, Jean-Jacques. Analyse du discours politique. *Langages*, Paris, juin, 1981. p.5-8.

⁴ PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas. In: GADET, Françoise, HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1993.

Michel Pêcheux (1981),³ que no prefácio da obra de Jean-Jacques Courtine, fala em identidade de sentido. Diz que Courtine, ao retomar a noção de Formação Discursiva de Foucault, mostra que não há uma homogeneidade do corpus discursivo, e que *o caráter repetível do enunciado com as conseqüências que resultam quanto ao efeito de identidade de sentido associado à paráfrase, não deve ocultar a heterogeneidade estrutural de toda formação discursiva*.

Pensar a identidade neste sentido seria pensar, portanto, em Formação Discursiva. Mas de que forma pensar a Formação Discursiva? Ao revisitar as três épocas da Análise do Discurso, Pêcheux⁴ mostra um primeiro momento em que *a análise discursiva do corpus consiste principalmente em detectar e em construir sítios de identidades parafrásticas interseqüenciais* que funcionam como *o lugar de inscrição de proposições de base características do processo discursivo estudado* (PÊCHEUX, 1993, p.312). Ou seja, temos aí uma homogeneidade de traços que levam ao pensamento de um processo homogêneo de produção de discurso.

No segundo momento, é introduzida a noção de interdiscurso, que é *o exterior específico* da Formação Discursiva, um “a-lém” que é exterior e anterior à mesma, que irrompe nesta FD. Diz Pêcheux:

Assim, a insistência da alteridade na identidade discursiva coloca em causa o fechamento desta identidade, e com ela a própria noção de maquinaria discursiva estrutural... e talvez também a de formação discursiva. (PÊCHEUX, 1993, p.314)

Começa então a passagem para a terceira época da Análise do Discurso, em que, segundo Pêcheux, *o primado teórico do outro sobre o mesmo se acentua, empurrando até o limite a crise da noção de máquina discursiva estrutural* (PÊCHEUX, 1993, p.315). Desfaz-se totalmente a estabilidade da identidade: o sentido vem de fora, as identificações são muitas.

A partir daí podemos dizer que a identidade do sujeito não se constitui apenas pela relação com o idêntico, aquele que repete (Formação Discursiva). Ela se constitui pela relação com o Outro, isto é, com o Interdiscurso.

Quatro formas de pensar a identidade dos “caros amigos”

Voltando, então, ao discurso dos *caros amigos*, imagino quatro formas de analisar sua identidade: pela busca de semelhança interna, pela oposição com o externo, pelo reconheci-

to de um atravessamento do externo sobre o interno e pela idéia de um fio de enlace entre diferentes.

A primeira forma, buscando uma semelhança interna, levaria a pensar a identidade de um grupo, com um conjunto de características ou elementos que o marcam como idêntico a si mesmo. Nesta visão, a identidade seria marcada pela parafraseagem em seu discurso, que apresentaria uma forma de identificação, uma mesma visão de mundo.

Esta visão de mundo seria marcada essencialmente pela oposição a um outro discurso, que é o da grande imprensa, do senso comum, do poder, etc. E aí entraríamos na segunda forma de observar a identidade: o idêntico é marcado pela diferença com o outro. Teríamos aqui o um, fechado sobre si mesmo, em constante oposição ao outro. A parafraseagem deste discurso seria marcada por uma espécie de cercamento. Uma cerca não muito alta, que permite ver o outro, lá do outro lado. Mas uma cerca suficientemente fechada, que não permite o intercâmbio.

Na terceira forma de pensar a identidade, podemos considerar que o que está do lado de dentro da cerca é constituído pelo que vem de fora. Ou seja, a cerca é aberta e, em alguns lugares, até derrubada. Como o atravessamento é constante, entra não só este *outro* que, em princípio estaria em oposição, mas também outros *outros*. Daí que a característica desta identidade não é a semelhança, nem a oposição, mas a sua constituição heterogênea, contraditória. Numa forma que não é permanente, mas está em constante mutação, em virtude dessas contradições e atravessamentos. Mas que por outro lado, para não perder-se no infinito, precisa, vez que outra, levantar pedaços de cerca, impor limites.

Por fim, imagino a relação entre aqueles que se identificam como *caros amigos*, não como um grupo fechado dentro de uma cerca, mas num espaço amplo, de inter-discurso, que por acidente (usando o termo aristotélico) seguram um mesmo fio, que é o ideal, aquela idéia do Fórum Social Mundial, de que um outro mundo é possível, ou seja, um mundo que não é aquele do discurso único da imprensa mundial e do grande capital. Imagino a identidade do grupo como uma construção imaginária, constituída pelo inter-discurso e, portanto, constitutivamente heterogênea.

Acredito que esta possibilidade de perceber de diferentes maneiras a identidade dos *caros amigos* é que leva a discussões internas pela manutenção, não *da* identidade, mas de uma identi-

dade que não tem uma cara tão bem definida assim, já que cada um a percebe de uma forma.

Notei este fato através da leitura de algumas cartas de leitores, que, na ânsia por fazer parte das discussões, manifestam-se e tornam-se também eles produtores do discurso da revista.

As cartas dos leitores que cito a seguir são a respeito da capa de agosto de 1998. A capa vem com a foto do rosto de Suzana Werner em preto e branco ocupando toda a folha. No canto inferior direito, em letras coloridas está o texto:

Oh,
SUZANA!
Uma PAIXÃO
Derrotou o
Brasil na
França ?

E no alto, acima do nome da revista, em letras pequenas, a chamada para o entrevistado do mês:

ENTREVISTA Milton Santos

EXPLOSIVA “No globalitarismo, as grandes em-presas é que fazem a política”

Esta capa é fortemente criticada por uma leitora que escreve:

Quase não levei a *Caros Amigos* de agosto. A Suzana Werner na capa mais parecia a capa da revista das gatinhas. Também achei a capa muito próxima da prática da propaganda subliminar da raça ideal, usada por grande parte da mídia impressa na ênfase dos olhos azuis do Sinatra e da princesa Diana em preto-e-branco. Achei-a também machista e oportunista, vendendo a carinha bonita da namorada do Ronaldinho. Francamente, o professor Milton Santos teria sido uma melhor opção para a capa. (Sílvia de Souza, *Caros Amigos*, out. 1998)

Na verdade, como podemos perceber, a leitora critica não apenas a capa, mas a posição da revista, comparando-a com outra, com a qual não deveria identificar-se: a revista das gatinhas. A identidade aqui é marcada pela oposição ao outro. Ocorre a exigência, por parte da leitora, do fechamento da cerca, impedindo a entrada das idéias da “revista das gatinhas” e de “grande parte da mídia impressa”. Por outro lado, como a identidade é, na verdade, uma construção imaginária, constituída pelo interdiscurso, a leitora mobiliza o discurso anti-racista e anti-

machista, com os quais se identifica e exige que a revista também se identifique com esse discurso.

Seguindo esta descrição do imaginário dos leitores sobre a identidade da revista, trago uma outra carta de leitora, que critica também a capa:

A capa de agosto deixou a *Caros...* com jeito de *Caras*. Não creio que os leitores de *Caros Amigos* a comprem pela capa. Nada contra a beleza linda e loira de Suzana Werner, mas pareceu apelação e, além disso, uma injustiça com o professor Milton Santos, que merecia a capa. (Vânia Beatriz Vasconcelos de Oliveira, *Caros Amigos*, set. 1998)

Aqui também podemos perceber a oposição que a leitora estabelece entre a Formação Discursiva dos caros amigos e outra Formação Discursiva, em que se insere a revista *Caras*. Através da negação seguida de uma contrajunção, temos a afirmação da identidade do grupo através da negação do outro: nada contra... mas... E como reafirmação da identidade, a crítica novamente através da negação: a não colocação da foto do professor Milton Santos no centro da capa, é vista como “injustiça”. Ou seja, a identidade do grupo deve ser marcada pela justiça, com destaque para o professor Milton Santos, que denuncia o que ele chama de “globalitarismo”.

Mas como a identidade não é marcada pela homogeneidade, um leitor contesta o discurso da leitora:

Mas qual é a da senhora Vânia Beatriz Vasconcelos de Oliveira (*Caros Amigos*, setembro)? Sim, não compramos pela capa, mas, entre várias com senhores respeitáveis, a capa de Suzana Werner é, sim, a melhor de todas, um bálsamo para nós, leitores homens da *Caros Amigos*. O professor Milton Santos não precisaria de capa, pois seu gênio está acima de tudo isso. E, só para instigar, não vou dizer se sou preto, branco, azul ou amarelo. (André H. Bezerra, *Caros Amigos*, out. 1998)

Esta carta é interessante não só por mostrar que a relação entre os leitores/autores da *Caros Amigos* pode ser diferente, o que mostraria uma oposição entre os membros do grupo e, portanto, uma contradição interna ao grupo, mas, principalmente, pela reafirmação da idéia que conduz a relação entre os membros, como um fio: “O professor Milton Santos não precisaria de capa, pois seu gênio está acima de tudo isso.” Ou seja, “tudo isso” significa Suzana Werner e que ela representa. E o gênio, a inteli-

gência, a contestação ao sistema vigente está acima da beleza de uma modelo.

Conclusão

A identidade dos *caros amigos* pode, portanto, ser observada através do discurso contraditório, heterogêneo e, ao mesmo tempo, com o apego a um fio condutor que, na verdade, é imaginário. Falar em identidade não significa, portanto, falar em igualdade, em um mesmo, mas falar na imagem de uma igualdade e de um mesmo, que está calcada, na verdade, sobre o diferente e o outro.

Como disse no título, é o desejo de uma coerência, a exigência de que todos pensem o igual, mas isto está baseado na imagem particular, diferenciada, heterogênea, contraditória, do que seja esse igual. Quer dizer, cada leitor mobiliza discursos dos universos discursivos com os quais se identifica, e é esse interdiscurso que define a construção imaginária de identidade dos “caros amigos”, como se a revista, pela particularidade de ser uma revista identificada com as lutas sociais, tivesse que dar conta das lutas sociais com que cada um se identifica.

É comum pensar-se a identidade pela relação de semelhança como um ponto central com o qual todos se identificam. Mas é mais produtivo pensar a diversidade numa relação de similitude, isto é, sem um centro. O centro é imaginário.